

A DISCUSSÃO

SEMANARIO REGENERADOR

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha 600
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—R. DA PRAÇA

Proprietario e Editor

ANTONIO MENDES DE VASCONCELLOS

IMPRENSA CIVILISAÇÃO

Rua de Passos Manoel, 211 a 219—Porto

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis.
Annuncios permanentes, contracto especial.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 25 de fevereiro

A demencia e a negociata dos tabacos

Após um simulado concurso em que o governo dispensou a mais escandalosa protecção á companhia dos tabacos, mancommuando-se com ella em prejuizo de terceiros e do Estado, fez-se a demencia do vergonhoso contracto de 1891. O *Diario do Governo* de 23 publicou a respectiva portaria pela direcção geral de contabilidade.

Sem commentariar, exponhamos succintos e edificantes factos attinentes a demonstrar a asserção que deixamos feita.

Um officio enviado á companhia dos tabacos e outro á dos phosphoros, *pro-forma* e para que o jogo não ficasse logo a descoberto, sem que o seu contheúdo fosse conhecido de qualquer outro grupo financeiro. . . eis o concurso:

A guerra e opposição official, ha muito, declarada á companhia dos phosphoros, chegando-se a consultar a Procuradoria Geral da Corôa sobre a sua competencia e legitimidade para o concurso á adjudicação do exclusivo, de mistura com a campanha de descredito semeada, lá fô a, contra a mesma, no manifesto intuito de diffcultar a organização de um grupo financeiro para a conversão e a quasi impossibilidade de outros grupos, casas, companhias, sociedades nacionaes ou estrangeiras, terem conhecimento das bases em que deveria assentar um concurso, que tal nome merecesse,—alimentavam a fagueira esperança que a companhia dos tabacos concebera de se ver completamente privada de quem lhe tolhesse os seus capciosos manejos.

N'esta convicção, de mãos dadas com o governo, espreitou o resultado do concurso, preparando-se todavia com duas propostas—A e B—para a imprevisita hypothese de ter de arcar com alguém.

Aguardou o *terminus* do pseudo-concurso.

Se não se apresentassem outros

concorrentes, as propostas, que *ad cavendum* havia elaborado, deixariam de existir para serem substituidas por uma terceira, ou ficaria deserto o concurso, o que lhe daria jus a impôr-se ao governo, arrancando-lhe um contracto que nem ao de leve se approximasse do de julho de 1894.

Falhou este calculo á manhosa e previdente companhia.

Os phosphoros e a importante casa ingleza *Hambro* apresentavam, no praso legal, as suas propostas no Ministerio da Fazenda.

Avisada d'este facto a companhia dos tabacos, receiosa de largar a presa, telephona ao Ministro pedindo demora para a recepção das suas propostas, que lhe é concedida; mas, qual fô a raposa, declara no final do officio, que as acompanha, que não permite a abertura das mesmas sem que previamente se chegasse a um accordo com o governo *acerca de condições não designadas*.

Havia escapado o primeiro plano—o mais vantajoso e conveniente—mas não lhe falaria o segundo, que lhe asseguraria incontestavelmente, e ao de menos, a permanencia na fruição de tão chorudo negocio.

E o conselho de ministros, excepção de um, acceita propostas n'estes termos, e abre as outras anticipadamente, e publica o seu contheúdo, as suas bases, e vinte e quatro horas depois, quando a companhia sua alliada já sabia quanto desejava, volve a reunir e abre, após a recepção de um officio que o auctorisa, a proposta A ou n.º 1 da mesma companhia, sem ter, official ou particularmente, havido o mais insignificante accordo acerca das *condições não designadas*, exigidas pela concorrente, para que tal abertura se realisasse.

Poderá haver maior favoritismo? mais escandalosa pouca vergonha?

Não representa tudo isto uma verdadeira fantochada que nos desacreditará nas praças estrangeiras?

E para que? para de mão beijada, dar á companhia dos tabacos, em prejuizo do Estado, mais mil e vinte e quatro contos de réis que o contracto provisorio de julho de 1904 lhe arrancava!

NOTICIARIO

Falta d'espaco

Em consequencia da abundancia de original e de não podermos deixar de acceder ao pedido de nossos presados collaboradores, para que os artigos litterarios em que se debatem, sob as epigraphes «Lições a um crente» e «Marés vivas», sejam publicados na integra, no presente numero, deixamos de publicar a secção «Arte culinaria» e a correspondencia de «S. Vicente», do que pedimos desculpa.

Espectaculos

Com uma concorrência muito regular d'espectadores, fez no preterito domingo a sua estreia no Theatro Ovarense a companhia dramatica de Caetano Pinto & Augusto d'Andrade, que, como é sabido, levou á scena o drama em tres actos *João José* e a comedia em um acto *Precisa-se d'uma senhora para viajar*.

O drama, que é uma peça de merecimento e uma pagina bem evidente da vida operaria, em que o protagonista, um operario sem trabalho, levado por um amor intensissimo e impellido pelo desejo vehemente de que não passasse fome a sua amada que não o comprehendia e trahiou, commetteu o crime de roubo, quando era um caracter honestissimo, e depois, para sua vingança, o de assassino,—teve uma magnifica interpretação por parte de todos os actores, tornando-se comtudo dignos de especial menção Augusto, no papel de João José, Guerreiro, no de Manoel e Simão, que revelou aptidão de velho taberneiro e habilidade de gatuno *pratico*, Ferreira, no de André, e Urbana, no de Rosa.

E a comedia, apesar de conhecida entre nós, fez rir muito.

Pena foi que n'essa noite as occorrencias pouco edificantes praticadas no theatro por alguns espectadores, viessem empannar um tanto as agradaveis impressões resultantes do consciencioso trabalho de artistas que tão boa reputação gosam nas terras por onde teem passado.

Para evitar essas occorrencias, pedimos ás auctoridades que em tal superintendem, a sua intervenção.

—Quinta-feira, estava annuciado um espectáculo com o drama em 4 actos *A mãe dos Escravos*, mas não se effectuou por virtude de doença da actriz Urbana.

—Hoje haverá espectáculo, subindo á scena aquelle drama, que é magnifico, e completamente desconhecido entre nós.

Principia ás 8 horas e meia da noite.

Ponte do Graça

Foi superiormente auctorizada a direcção das obras publicas do districto a proceder á reparação e pintura da ponte de ferro sobre o rio Graça, d'esta villa.

Vapores para o Pará e Manaus

A sahir de Lisboa:

«Augustine» em 27 de fevereiro.
«Madeirense» em 7 de março.
«Cyril» em 17 de março.
«Jerome» em 27 de março.

A chegada a Lisboa, vindo do Pará e Manaus:
«Jerome» em 2 de março.

Notas a lapis

Passou no dia 20 do corrente o seu anniversario natalicio a ex.^{ma} D. Rosa d'Araujo Sobreira, virtuosa esposa do nosso illustre director politico, conselheiro Antonio dos Santos Sobreira.

A suas ex.^{as} as nossas respeitadas felicitações.

—Tambem passaram hontem e segunda-feira ultima respectivamente os anniversarios natalicios das meninas Maria Rita e Gloria d'Oliveira Dias, sympathicas filhas do snr. Gonçalo Ferreira Dias.

O: nossos parabens.

—De regresso de Manaus, chegou na terça-feira a esta villa, em magnifico estado de saude, com o que muito nos congratulamos, o nosso presado assignante snr. Antonio Rodrigues Faneco.

Os nossos cumprimentos de boas vindas.

—De regresso da Guarda, já se encontra pastorando a sua freguezia, o snr. dr. Manoel Antonio Monteiro Limão, digno parochio de Maceda.

—Por noticias ultimamente recebidas de Iquitos (Perú), é-nos grato registar que se encontra alli em bom estado de saude o nosso patricio e amigo Francisco Soares Balreira.

D'aqui lhe enviamos um abraço.

—Esteve entre nós e de passagem para a Figueira, no dia 21 do corrente, o nosso amigo Diogo Hernandez Barbot, director da fabrica de conservas a «Varina».

—De regresso do Rio de Janeiro, onde foram tratar de negocios concernentes á sua importante casa commercial, chegaram na semana passada a Lisboa os nossos amigos Manoel Maria e Manoel José d'Oliveira, abastados capitalistas.

Expressamente para assistir á sua recepção, partiu ha dias para alli seu irmão mais velho e tambem nosso amigo José d'Oliveira Lopes.

—Chegou a Ovar na tarde de quinta-feira, acompanhada de sua

interessante filhinha e d'uma creada, M.me Biermann, esposa de Mr. Luiz Biermann, nosso distincto collaborador na secção «Arte culinaria», e director tecnico de a «Varina», o qual foi esperar sua esposa á fronteira hespanhola.

MARÉS VIVAS

Os padres... crescem na razão directa da... miseria: estupendos e felizes.

Discussão de 5-2-906.

Antonio Valente.

Um dos males que mais assobinha a sociedade é incontestavelmente a miseria.

No entanto nada mais descurado pelos nossos governos que a melhoria de situação para as classes baixas, que a felicidade do pobre! Mal chega o tempo aos insignes paes da patria, *eleitos pelo povo*, para em S. Bento esmurrar carteiras e a cara uns aos outros e aos ministros para banquetes e passeatas!

Sustenta o Estado uma ou outra casa como a de D. Maria Pia; mas o desgraçado não se busca; quando apparece ha-de fazer, de rojos, viasacra pelas portas dos magnates politicos para, no fim da romagem, receber quasi sempre na cara o escarrote do «*não pôde ser, não ha logar*».

Annuncia a imprensa, de longe em longe, que o snr. ministro vae enviar um par de contos aos famintos de Cabo Verde; mas qual pequeno fio d'agua que atravessa terrenos sequiosos, esse dinheiro fica geralmente no caminho ou é tarde quando chega.

A questão do dia e de todos é o arranjo pessoal. Vivam elles regalados; que importa o agonisar a pobreza; nos braços da fome e da miseria?!

Alguma coisa, porém, existe e deve-se em grande parte, á igreja e aos padres, aos apregoados parasitas da humanidade.

Transponhamos a barreira do passado, desçamos a escada dos seculos, contemplemos então o mundo e subamos novamente. Guiar-nos-ha a historia.

O universo parece dormir sob as azas da aguiá capitolina; Ro na domina quasi todo o mundo conhecido; a Germania do norte, a Armenia, o reino de Parthos, a India e a China, a Arabia e a Ethiopia são os limites do seu imperio.

Cezar dita leis a cento e vinte milhões d'homens e dez milhões apenas serão livres!

O escravo, é reputado mais vil que o simples animal: a lei que regula a sua venda, regula a do cavallo.

O mandado de trabalho é o azoraguar, a sua habitação os pestilentos ergastulos, a enfermaria o tumulto e a morte violenta os soccorros!

A mulher não é o anjo do lar domestico, nem a mãe que, debruçada sobre o leito do filho, mistura com as d'elle as suas lagrimas; é a filha posta pelo pae em almoêda, é o instrumento vil da paixão do homem que, saciado, a activa á devassidão, é a fera que estrangula o fructo do seu ventre ou o arroja á rua para mais tarde, nas unhas d'um selvagem ou nas garras da panthera, lhe proporcionar um momento de prazer! (1)

Nasce a religião do Calvario, vêm os padres. Os seus primeiros olhares são para os desgraçados. Com o seu exemplo os ricos vendem os bens, ficando apenas alguns com o necessario. O resto é para os pobres.

O abastado dá cartas d'alforria e senta o liberto, como irmão, á sua meza.

Os diaconos são encarregados de procurar os velhos, orphãos e viúvas miseraveis. Estabelece-se um verdadeiro communismo.

A mulher comprehende os seus deveres d'esposa e mãe, convertendo-se n'um anjo da guarda.

Organizam-se mais tarde as cruzadas e, se a miseria augmenta, o padre não morreu.

Cria os mosteiros, as abbadias e os conventos, onde o desprotegido da fortuna encontra pão.

Edifica asylos e hospitaes, onde centenas de virgens, abandonando algumas o fausto, a opulencia e o descanso, se vão sentar á cabeceira dos enfermos!

A peste invade Lisboa, tudo foge; mas na rua transita o padre, o medico e a irmã da caridade amparando e soccorrendo os atacados.

Na esteira dos nossos descobridores, milhares de gananciosos vão para as terras de Santa Cruz, pirateando e mercadejando o indigena; mas logo Antonio Vieira e outros padres vêm ao continente verberar o governo que tal consente.

E não parou ainda; continua o padre.

Dizem-n'o as officinas de S. José, do Porto, Lisboa e Braga, onde o vadio aprende o meio de ser honrado.

Afirmam-n'o o Collegio da Regeneração, de Braga e o asylo do Bom Pastor, do Porto, recolhendo as infelizes que a miseria espreitava cobiosa.

Publicam-n'o as Conferencias de S. Vicente de Paulo, cujos confrades pessoalmente distribuem o obulo da caridade.

Apregôam-n'o os monges de S. Bernardo no escaldado cimo dos Alpes, procurando os infelizes suaterrados no gelo e os missionarios e religiosas, angariando de porta em porta, sob uma chuva dos mais alvares insultos, a esmola com que libertar os negros africanos.

Apregôam-n'o... basta. E' impossivel enumerar todas as obras de caridade instituidas e sustentadas pelo clero, é impossivel nas columnas de «A Discussão», Demandaria grande espaço e largo tempo.

O padre diz a sua missa, prega o seu sermão, pastoreia o seu rebanho e recebe as offerendas dos fieis; mas todo o operario é digno de recompensa e não é o pobre que o sustenta, antes vive d'elle. Se alguma excepção ha, esta confirma a regra.

Porque se ha-de berrar, pois, contra elle? Porque se ha-de perseguir, embora com balas de papel, o homem em quem o povo, o pobre, o desgraçado e o miseravel encontra sempre um protector?

Quem se pôde apresentar com auctoridade para tal?

Só o «que tem olhos e não vê, ouvidos e não ouve», o que se deleita com luctas religiosas, sempre as mais terriveis, ou o filho de Voltaire que mandava mentir e mentir sempre para que da mentira ficasse alguma coisa.

(Continúa)

M. Soares (Rigollot).

Lições a um Crente

A verdade não pode ser nociva.

Helvatius.

Para justificar o que de si é injustificavel, não valem sofismas, por artemente que sejam concebidos e por habilmente que sejam formulados.

Bruno.

Meu rapaz.

E' possivel que sejas um crente sincero transviado do verdadeiro caminho pela nefasta influencia de uma educação viciada pelo erro e pelo orgulho.

Mas, acredito sincera a forma de que se reveste essa crença na tua consciencia e no teu animo; acredito que sejas na victima da desorientação, como tantas outras que pelo mundo fóra vagueiam perdidas, como tu na ma treva; no mesmo dedalo de embustes!

E's novo, provavelmente—e na tua idade não está ainda tudo perdido, quando se é novo, com um pequeno esforço da intelligencia e da vontade, a ideia nociva cede ante a contemplação serena do Facto; não cuta quando se é novo sanear o espirito e dar-lhe a directis precisa.

Consulta a tua razão e esclarece-a com a analyse; peza no teu coração sensível a nota falsa do absurdo; vasculha em palacio das len as e lá encontrarás facilmente o fio conductor para a luz.

Se tiveres forças virás arrancar comnosco; não sou eu que te demovo—deverá ser a razão.

Em todo o caso—e pois que assim é preciso—escuta-me, por esta vez:

Eu não menti, nem aos homens nem á consciencia;—pareceu-te falsidade e é observação pura, não experimental—mas pratica, e de facil demonstração;—acesível a todos os cerebros, pois os não frega inutilmente.

Desagradou-te a molesta sintese que expuz e acutiu-te logo o que a todos nós acco-de quando determinada asserção nos incomoda ou irrita:

«E' mentira»—chamaste inpeto, engatilhos os mil argumentos contra, nimiamente pueris uns, e arditos de essencia; outros claramente sofisticos, e o todo inutil, sem te lembrares do recurso ao inquerito directo bem entencionado e reflectivo—por onde houvers de começar até á solução real do problema.

Pois tudo isso que te acutiu á mente não chega a neutralisar o efeito de uma viagem—O vajar, eterno aneio dos emparedados—civilizações, paizes, que belo e fructuoso tema! O abre um mapa-mundi e sigamos, viajemos,—que é o mais ilucidativo, o mais util dos prazeres.

Começemos pela North-America—queres? E' este um grande paz, uma republica sem religião de estado, sem padres d'esta ou d'aquella seita que influam pouco ou nada na vida publica da nação.

Permitem-se todos os cultos, aqui, toleram-se todas as aberrações religiosas: catholicos, protestantes quakers, mormons, islamitas, chins, nipons; tudo formiga á larga nos territorios da republica—sem um artigo de lei que os integre na vida colectiva, sem um dolar de tributo que os imponha e garanta como parte da nação. Ninguém repara n'elles, são como tantas outras, (é a verdade) uma originalidade, aceite mas não reconhecida.

E' nesta parte da America ha a maior riqueza do globo, d'esta America saem luminosas verdades scientificas, aqui o ensino é ministrado com o esmero, a solicitude, o metodo, a intelligencia e a liberdade que todos reconhecem ás riquissimas universidades, institutos, e outros cursos escolares da União.

Isto posto continuemos: prova á Inglaterra, a terra classica das nevoas e da ribe da le—senhora dos quatro continentes, abarrotada de riquezas, instruidissima, poderosissima, e mais ciosa das suas liberdades publicas que todas as monarchias juntas. E a lei que observamos na America reproduz-se aqui inconcul. Basta, para exemplo, lembrar-te que a abadia de Westminster, a mais poderosa e rica das d'esta grande nação, não vale perante a lei civil ingleza o que entre nós vale qualquer abade minhoto.

E' assombroso e inconfesso—confessa. E não é tudo, ha mais e equivalente, senão melhor.

Onde? N'este pular de um regato—a Mancha, e entamos na terra que os grandes ventos do ideal fecundam: a Republica Franceza.

Uma, florescentissima, resenteida e procurada como centro á roda do qual o mundo cuto gravita, é tambem, é ainda um acertadissimo, um valioso exemplo; agora principamente...

Mais um para fecho, e visinho, e bem digno: a Suissa Livre, republica federativa modelar, notavel pela difusão da instrução publica, pelo seu alto progresso industrial e agricola, pela sua desafogadissima vida economica: de todas as nações europeas a unica

onde a divida publica quase que não existe, republica irreligiosa, liberrima e irrepreensivel: refugio certo e inviolavel dos foragidos, dos rebelados contra a dupla opressão teocratica e politica caracteristica dos estados reac onarios.

E ainda a Holanda, a Dinamarca, a Suecia—toda a Europa não catolica podendo servir de exemplo contra ti.

Retrocejamos agora, entremos nas nacionalidades azadas pela desdita.

São-o, e culminantemente, Portugal, a Espanha, a Russia e a Grecia; dois estados catholicos romanos; e dois catholicos cismaticos.

E, para que resalte melhor a enormissima desvantagem d'estes, opnhamos nós: Aos Estados Unidos a Espanha beata do Rei-Nino, de Montjuic, dos frades,—da Concordata; á Inglaterra livre o Portugal da lei de 13 de fevereiro e da Padroeira, o Portugal desacreditado e insolvente das peregrinações ao Sameiro, o Portugal em ruínas, com os seus 80 % e pico de analfabetos e os seus gafadissimos souteneurs da Arcada e da Sacristia.

A republica laica Franceza a decaída e tutelada Grecia dos proxenetas e dos patriarcas; á Suissa modelar e independente a Russia de Nicolau II, dos massacres de mulheres e creanças, do Knout, da Sberia, do Sinto-Sinodo, das bençãos do Neva com agua benta:—monstro bic falo:—papa e imperador:—terra e ceo amancebados...

Eu disse que o padre «cresce na razão da ignorancia e da miseria» e a viagem que findamos demonstra o cabal mte, de forma a pulverisar argumentos: «por artemente que sejam concebidos e por habilmente que sejam formulados».

Como por ti proprio reconheces os paizes em que domina são os miseraveis, os pobres, os atrozados, os oprimidos, e ele é, acima de todo o producto cronico d'essa pobreza, d'essa miseria, d'esse atrazo, d'essa opressão, e como seu digno filho e proselito mais ferrenho, a escora mais viva, de tal estado de coisas.

E' escusado negal-o: é evidente demais para que se negue.

E não é tudo; nos proprios atrazadissimos povos catholicos ha diferenças que é util não esquecer.

Na Espanha, Barcelona, extraordinario e activissimo centro fabril, é a mais irreligiosa das cidades e é tambem a mais rica e a mais culta.

Em Portugal, a população algarvia é inquestionavelmente mais rica e muito mais ilustrada de que o são os broncos e desgraçados filhos do norte—e o algarvio é ateu ou indifferente; d'aquem Mondego a Valença—é o diluvio dos crentes.

No Porto, e em Lisboa, a parte irreligiosa das populações é a melhor, a mais ilustrada, a que interfere conscienciosamente na vida publica, a unica que trabalha para um ideal preconcebido com perseverança e saber.

São exenplos de cisa e não menos elucidativos que os anteriores.

Sempre: onde trabalha o homem livre o padre recua vencido e manietta-se á lei; sempre onde o subdito, por sel-o, se adstringe á miseria e á ignorancia, ahi tem o padre o desenvolvimento espantoso, por analogia, notamos em certas escalas da zoologia inferior.

E' o Factor: mais—é a dinamica de uma lei.

Mais: Na sua—Hist da Inglaterra—Macautay observa em povos afins, do mesmo veio ethnico, sob os mesmos climas, desigualdades instructivas e flagrantes que só corroboram a que acima foi estabelecido por um simples exame de geografia politica, economica e social, comparada. No Connaught, diz o historialor de mundial renome, os condados de Galway, Leitrim, Mayo, Roscommon e Sligo—todos catholicos, são miseraveis espantosamente. Visinho do Connaught o condado de Ulster—protestante todo ele, e o mais populoso e o mais rico da Irlanda.

E' tambem um facto, continua o historialor, o decrescimento assustador da população nesses condados catholicos, observada desde 1841 a 1881.

A educação congreganista esgotou tambem a população franceza que decrescia, ainda ha pouco, a olhos vistos. Felismente a obra de Combes, e o impulso por ele dado á republica, vieram a tempo de salvar a d'essa debacete tremenda. Ao lado na Prussia neretica, o movimento ascensional da população excede as previsões optimistas.

Emilio Laveleye (L'Avenir des Semples Catoliques) observa o mesmo nos cantões suissos do Alto-Valais, e Lucerna—catholicos,—prezos ao jezuita, os unicos indigentes e atrazados da incomparavel Helvecia.

Egal facto nas populações canadianas—é a verdade, e a razão é manifesta e sabida.

O padre catolico dispõe de todos os poderes, a Igreja é o Monopolio: açambarca consciencias e fortunas, tem o milagre, os sacramentos, os textos dos livros santos imutaveis e fénados, o silabus, o Papa, os governos, a Companhia de Jesus—é uma praga de gafanhotos, sen pre por analogia..., que rapa as granjias onde caíu.

O padre luterano, ou o anglicano, tem a mulher, a fihazada, o livre exame, a critica, e como unico alivio a predica, o livro ou a

(1) Póde ver-se: J. Christo do Padre Didon; Cathicismo de Perseverança de Gaume; Genio do christianismo de Chateaubriand; Historia das leis sobre o casamento e divorcio, por M. Nougared; Vida d'Augusto, por Suetonio; as tres Romas, Quo Vadis, etc.

conferencia, sujeitos ainda a discussão livre e independente.

Unicamente com isso relega-se para o plano secundario e inofensivo de interprete entre o homem e a Divindade, é um cidadão na patria dos cidadãos, um profissional com os seus deveres prescritos, e limitados, nas leis garantidoras da liberdade e da justiça.

Da sua fraqueza, da sua pobreza, da sua abstenção forçada, da sua neutralidade obrigatória a correlativa abstenção, ilustração, virtudes civicas, e poderio de esses povos, de esses condados, d'esses cantões. Mas nos catholicos como nós, tantas ovelhas quantos pastores; o rebanho é fraco, eles são fortes; d'ahi a ignorancia, a miseria da Irlanda escrava, nossa irmã na desfortuna, pois quase como os irlandezes podemos dizer-nos sem patria, sem liberdades, sem pão!

Em face das sociedades contemporaneas, estudando desassombrada e paralelamente as suas leis, a sua moral, as suas civilisações, a casuística catolica tem de render-se á evidencia, sem porta falsa por que se escape ao confronto iniludivel e esmagador.

Ahi tens—meu rapaz, porque eu escrevo do o que leste não fui verdadeiro somente, senão fui justo tambem; como agora, desagravando-me, de uma benevolencia toda cristã.

E ahi tens tambem porque o colosso Chamberlain disse de nós com justiça: «São as nações moribundas;—Do not forget—de vera ser nossa divisa, se inda tivéssemos brios...

Nações moribundas, organismos podres, que Lainez divinamente conhece pelo bojado dos cofres abarrotados... de Fé!...

Não! Não ha ilusões possiveis ante a eloquencia dos Factos!

Mas—dirás tu—vendo a desigualdade, a inferioridade flagrante e caracteristica de um para outro culto—o que nos cumpre fazer? Abjurar?

Trocar a fé romana por qualquer das outras protestantes, a que melhor realice o acerto do facto historico incusso?

Nem pensemos n'isso, que é pueril, hoje, tomar a peito este, ou aquell'outro atalho do Ceu.

Abjurar, tomar as armas por Martinho Lutero ou Leão X, e vice-versa, essa epoca, definitivamente passou.

Abolir a religião dos costumes privados, desarraigá-la das consciencias?

Tambem não!

Então?

Libertar a lei civil das influencias teogonicas e cultuacs, tornar o estado senhor unico e supremo em tudo o que ao estado concerne, limitar a crença ao interior dos templos e dos lares, suprimir o tributo religioso obrigatorio e vexatorio, o juramento burba ro forçado; tirar ás escolas o catecismo, pôr cobro aos abusos deploraveis do pupito—em resumo: separar a Igreja do Estado.

E isto d'acordo com a doutrina expressa de Jesus Cristo: Dae a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus—disse o Justo, fundador do christianismo do qual o vosso credo de hoje dimana.

Bem vês que eu não pretendo, não procuro a abolição d'esta ou das outras religiões, não lhes quero mesmo mal algum.

Formas transitorias e imaginarias da ignorancia da alma humana que aterrorizada procurou n'ellas uma garantia e uma consolação, (foi d'isso que nasceram e tem vivido sempre) destinadas a preencher o vacuo do ignoto sob qualquer das formas, apreensíveis ou não, de—fogo, luz, seres palpaveis conhabitando connosco, ou falacissos seres indiseisiveis;—mais ou menos vesania, todas caracterisadamente antropomorphas, nascidas todas da mesma fonte comum, clisificaveis e classificadas como o remotissimo megaterio, o homem troglodita, e o de hoje em dia, são vistas, agora—todas ellas, as do Ganges como as do Tibre, e as de Londres como as de Meca—á luz desapaixonada da imparcialidade, sem entusiasmos, é certo, mas tambem sem rancores:—escaroladas de fantasias n'civas e reintegradas, finalmente, no seu logar proprio e verdadeiro.

E queres tu, queres todos os que vestem uma batina ao contrario da clarividencia, do bom senso e da razão, contraditar todo o trab lho acumulado das descobertas, dos sabios e das gerações;—fazer parar a Terra, impôr barreiras ao Tempo, alterar as leis imprescriptiveis que governam cronometricamente o giro dos mundos no Espaço, na Eternidade e no Infinito;—só porque assim convém aos teus interesses e aos teus caprichos!

Tu infinitesimo e mortal!

Tu que nem sequer ao menos dos teus actos es o livre e responsavel senhor!

Crês?

Creem os teus vizinhos, os teus amigos toda gente que tu conheces? Tanto melhor para ti; tanto melhor para eles!

A crença é um broquel avito a despedir flamechas de ouro e púrpura, é de todas as contingencias humanas a formosa, a desejava vel por excelencia;—continua pois o teu culto nos seus templos riquissimos, na sercnidade do teu lar.

Mas não queiras impôr a outrem as tuas crenças, as tuas consagrações, a tua consciencia, o teu eu, os teus encargos, os teus costumes.

Não consintas que outrem contribua obrigatoriamente para ti, não ordenes, não sujeites a vontade livre dos outros ao arbitrio da tua vontade livre;—procede consoante o preceito basilar de Jesus Cristo: «Não faças aos outros o que não queres te façam a ti».

Bem o vês—e não hades acoiar-me de iniquo e setarista—isto, e só isto, é que é a justiça: o imo da sabedoria, do direito, da prosperidade e da paz; e isto é o que não existe, o que se não pratica, o que não querem, o que não admitem os que te ensinaram e te aperfeiçoaram tão mal.

Vens, cheio da poeira e da surdez do passado, aleivosamente negar o que é razoavel e verdadeiro embora seja essa verdade a contradicta do teu sentir.

E desgraçadamente és injusto e injustificavel, tu, que nunca o deverias sêr!

(Continúa)

Antonio Valente.

CORRESPONDENCIAS

Vallega, 17 de fevereiro de 1905

(Retardada)

Foi hontem tomar posse, como parochio encomendado, da vizinha freguezia de S. Martinho da Gandara, concelho d'Oliveira d'Azemeis, o nosso particular amigo, padre Domingos José dos Reis Junior, para a qual foi nomeado por Decreto de sua ex.^a reverendissima o snr. D. Antonio, bispo do Porto.

Quizeram, na sua maioria, os parochianos d'esta freguezia, obstar á sua ida; e para isso, logo que tiveram conhecimento da sua nomeação, delegaram n'uma commissão, que entre si nomearam, a missão de ir perante o Prelado pedir a revogação da nomeação do agraciado, afim de continuar o mesmo rev. Domingos José dos Reis, a exercer as suas funções sacerdotaes n'esta freguezia.

No dia 14, dirigiu-se a commissão ao ex.^{mo} snr. D. Antonio Barroso, que acolheu affectuosamente; e, depois de a ouvir, respondeu senir não poder dispensar o referido parochio dos serviços de que fôra encarregado, mas estimava que elle continuasse a dispensar aos parochianos d'esta freguezia, toda a sua prestante cooperação, compativel com o mencionado cargo, visto esta freguezia de Vallega e a de S. Martinho da Gandara, serem limitrophes uma da outra, pois para isso lhe daria as necessarias instruções.

D'aqui envio um aperto de mão aos parochianos de S. Martinho, por terem entre si um digno sacerdote, que honra a classe, e que bem ha-de saber desempenhar-se do cargo para que foi nomeado, como aqui o fez quando exerceu identico cargo por fallecimento do chorado Marques Pires.

—Acha-se ausente, por motivo do fallecimento de seu velho pae, o nosso digno parochio, Caetano Fernandes.

—No proximo passado domingo, realisou-se aqui a farça da eleição para deputados e no decorrer da mesma, bem mostraram os *presenguistas* cá da terra, o que são e o que valem.

O snr. Soares Pinto, fez conduzir para a sua casa, proximo á egreja, um pipó com 5 almudes de vinho, ou agua pé, para gratificar os seus apaniguados; como porém o numero foi inferior áquelle com que contava, não lh'o beberam.

Então sua senhoria fez presente do resto ao regedor Veiga, o qual, por sua vez, se apressou a distribuir convites pela freguezia afim de, á noute, comparecerem ali, e esgotarem aquella mixordia.

De facto, realisou-se a reunião, (pois podera) e no fim desavieram-se na partilha, tendo dado motivo á desavença, as cartas dirigidas pelo borrêgo da braça e meia.

—No dia 15, sepultou-se aqui, a tia do rev. coadjutor d'esta freguezia, aproveitando o regedor essa occasião para chamar este e aquelle á taberna do Moraes, onde lhe apresentava um papel, com um carimbo qualquer, dizendo «assignem aqui, que é uma representação para a camara fazer uma estrada.»

«Para onde?» perguntavam, obtendo em resposta do mesmo snr. Veiga: «os senhores, verão.»

A guns incautos cahiram, e muitos recusaram a sua assignatura.

Os homens querem mostrar importancia com representações e para apanhar os papalvos mostramlhe o Santo em um lado, mas depositam a esmola em outro.

Vere nós o que d'aqui sahe.

—Tambem me consta que os da Junta de Parochia vão ter mosquitos por cordas, entre si, na proxima ses-ão que deve realizar no domingo; aguardo os acontecimentos e do que houver para a semana direi.

Al.

Annuncios

Arrematação

(2.^a PUBLICAÇÃO)

No domingo, 12 de março proximo, pelas 11 horas da manhã, e á porta do tribunal judicial d'esta comarca, ha-de ser posta em praça para ser arrematada por preço superior ao da respectiva avaliação, a propriedade abaixo declarada, pertencente ao menor Manoel André Lopes, filho de José Maria André Lopes e de Maria Lopes dos Santos, fallecidos e que foram moradores na rua do Bajunco, d'Ovar, sendo o seu producto destinado ao pagamento de todo o passivo a cargo do dito menor e devidamente approvado, conforme deliberou o conselho de familia no inventario orphanologico por obito do pae do mesmo menor e em que foi cabeça de casal Margarida Duarte de Oliveira, viuva, da rua do Bajunco, d'Ovar:

Uma terra lavradia, chamada a Politeira, no sitio d'este nome, freguezia d'Ovar, allodial, avaliada em 350\$000 réis.

As despesas da praça e de toda a contribuição de registo são por conta do arrematante.

Para a arrematação são citados quaesquer crédores incertos.

Ovar, 11 de fevereiro de 1905.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,

Lobo Castello Branco.

O escrivão,

Angelo Zagallo de Lima.

(516)

ANNUNCIO

(2.^a PUBLICAÇÃO)

Pelo juizo de direito da comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Coelho, correm editos de 30 dias a contar da ultima publicação d'este no «Diario do Governo», citando os interessados Rufino Alberto da Silva Figueiredo, solteiro, e Albino da Silva Figueiredo, e mulher Sophia de Figueiredo, todos residentes na cidade do Rio de Janeiro, Estados Unidos do Brazil, em morada desconhecida para todos os termos até final do inventario orphanologico a que se procede por fallecimento de seu pae e sogro José da Silva Figueiredo, morador que foi no logar d'Azevedo, freguezia de S. Vicente, e em que é cabeça de casal Ermelinda Adelaide Alberto Camossa, do mesmo logar e freguezia, e isto sem prejuizo do andamento do mesmo inventario.

Ovar, 16 de fevereiro de 1905.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,

Lobo Castello Branco.

O escrivão,

João Ferreira Coelho.

(517)

Arrematação

2.^a PUBLICAÇÃO

No dia 12 de março proximo, por 11 horas manhã e á porta do tribunal judicial d'esta comarca, por deliberação do conselho de familia e interessados no inventario por obito de Eugenia Gomes de Pinho, moradora, que foi, no logar de Bustello, freguezia de Vallega, se ha-de pôr em praça para ser arrematada por preço superior ao da avaliação, sendo o seu producto livre para o casal de quaesquer contribuições ou despesas, a seguinte propriedade:—Uma leira de terra lavradia com testada de matto e pinhal, chamada a «Quinta do Monte», situada no logar de Bustello, freguezia de Vallega, allodial, avaliada em 360\$000 réis.

Pelo presente são citados quaesquer crédores incertos para assistirem á arrematação e ahi deduzirem os seus direitos, querendo.

Ovar, 17 de fevereiro de 1905.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,

Lobo Castello Branco.

O escrivão,

João Ferreira Coelho.

(518)

HORARIO DOS COMBOIOS

Desde 1 de Novembro de 1904

DO PORTO A OVAR E AVEIRO
e vice-versa

HORAS			Natureza dos comboios	
S. Bento	Ovar	Aveiro		
MANHÃ	P.	Ch.	Ch.	
	12,32	2,16	—	Tramway
	4,35	5,58	6,45	Correio
	7,7	8,53	9,49	Tramway
	10,9	11,57	—	Tramway
	11	12,32	1,32	Mixto
TARDE	1,55	3,50	4,41	Mixto
	4,20	—	5,40	Rapido
	4,32	6,36	—	Tramway
	6,7	7,49	8,44	Tramway
	7,55	9,10	9,53	Correio

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

HORAS			Natureza dos comboios	
Aveiro	Ovar	S. Bento		
MANHÃ	P.	P.	Ch.	
	3,35	4,53	6,38	Tramway
	5,18	5,57	7,20	Correio
	—	7,30	9,16	Tramway
	9	9,50	11,34	Mixto
	10,15	11,14	1,2	Tramway
TARDE	—	2,25	4,13	Tramway
	4,46	5,53	7,47	Tramway
	—	7,6	8,51	Tramway
	9,19	—	10,40	Rapido
	8,49	10,13	12,14	Correio

Antiga Casa Bertrand

DE
JOSE BASTOS73 e 75—R. Garrett—73 e 75
—LISBOA—

O Rabbi da Galiléa

Sensacional romance popular
sobre a vida de Jesus

ORIGINAL DE

Augusto de Lacerda

ILLUSTRADO

Com numerosas gravuras

Caderneta mensal 300 réis

Historia Socialista

(1789-1900)

Sob a direcção de Jean Jaurès

Cada caderneta mensal, de 2 folhas de 8 páginas cada uma, grande formato, com 2 esplendidas gravuras, pelo menos.—40 réis.

Cada tomo mensal de 10 folhas de 8 páginas cada uma, grande formato, com 10 esplendidas gravuras, pelo menos.—200 réis.

ALMA PORTUGUEZA

A RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL

Grande romance historico

DE

Faustino da Fonseca

com illustrações

de Manoel Macedo e Roque Gameiro

Cada tomo mensal, 200 réis

LIVRARIA EDITORA
Guimarães Libanio & C.^a
108, Rua de S. Roque, 110

—LISBOA—

A RAINHA SANTA

(D. Isabel d'Aragão)

GRANDE ROMANCE HISTORICO

ILLUSTRADO

Com esplendidas gravuras e chromos

Cadernetas semanais de 24 pag., 60 réis
Tomos mensais de 120 páginas, 300 réis

EL-REI D. MIGUEL

Romance historico

DE

FAUSTINO DA FONSECA

Profusamente illustrado

Fasciculos semanais de 16 pag., 40 réis
Tomos mensais de 80 páginas, 200 réis

Tratado completo

de cosinha e copa

POR

Carlos Bento da Maia

AUCTOR DOS

«Elementos da arte culinaria»

Fasciculo de 16 pag. illustrado 40 réis
Tomo de 80 páginas illustrado 200 réis

PARA CRIANÇAS

Publicação mensal

Collecção de contos publicados

sob a direcção da illustre escriptora

D. Anna de Castro Osorio

Cada folheto illustrado 60 réis

Cada volume 400 réis

A LISBONENSE

Empreza de publicações economicas

35, Trav. do Forno, 35

LISBOA

O Conde de Monte-Christo

Monumental romance de

ALEXANDRE DUMAS

Edição luxuosamente illustrada

Fasciculo de 16 páginas. . . 30 réis
Tomo de 80 páginas. . . 450 réisA empreza offerece, por
brinde, uma photographia do
proprio assignante ou de pes-
soa de sua familia em grande
formato, proprio para sala.EMPRESA DO ATLAS
DE
GEOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua da Boa-Vista, 62-1.º
LISBOA

ATLAS

PORTUGAL E COLONIAS

PUBLICAÇÃO MENSAL

Cada fasciculo com um mappa, 150 réis

DANIEL DEFOE

VIDA E AVENTURAS ADMIRAVEIS

DE

ROBINSON CRUSOÉ

VERSAO LIVRE DO DR. A. DE SOTTOMAYOR

Cada fasciculo. . . . 50 réis

EMPRESA

DA

Historia de Portugal

SOCIEDADE EDITORA

Livraria Moderna — 95, Rua Augusta, 95

A. E. BREHM

MARAVILHAS DA NATUREZA

(O HOMEM E OS ANIMAES)

Descripção popular das raças huma-
nas e do reino animal, edição portugue-
za larguissimamente illustrada.60 réis cada fasciculo mensal e 300
réis cada tomo mensal. Assignatura per-
manente na sede da empreza.

BIBLIOTHECA ILLUSTRADA D'«O SEculo»

—LISBOA—

LUIZ DE CAMÕES

Grande romance historico

POR

ANTONIO DE CAMPOS JUNIOR

—2.ª EDIÇÃO—

Illustrada com nume-
rosas gravuras e cui-
dadosamente revista e
ampliada pelo auctor.Uma caderneta por semana. . 60 réis
Um tomo por mez. . . . 300 réis

BIBLIOTHECA SOCIAL OPERARIA

Rua de S. Luiz, 62

LISBOA

A Rapariga Martyr

GRANDE ROMANCE

DE

Emilio Richebourg

Ornado de chromos e gravuras

C. da fasciculo de 16 páginas. 30 réis
Cada tomo. 450 réis

LIVRARIA AILALUD

Rua do Ouro, 242, 1.º—LISBOA

IN ILLO TEMPORE

—2.ª EDIÇÃO—

Lentes, estudantes e futricas

(Scenas da vida de Coimbra)

POR

TRINDADE COELHO

Um grosso volume de lnxo

Preço 800 réis—pelo correio 870 réis

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160

LISBOA

Ultimas publicação

Casal do caruncho.—Contos por Eduar-
do Perez. 1 volume illustrado com 42
soberbos desenhos de José Leite—
600 réis.Sem passar a fronteira.—Viagens e di-
gressões pelo interior do paiz, por
Alberto Pimentel. 1 volume de 350
páginas.—500 réis.Tuberculose social.—Critica dos mais
evidentes e perniciosos males da nossa
sociedade, por Alfredo Gallis.I. Os Chibos.—II. Os predestinados—
III. Mulheres Perdidas—IV. Os De-
cadentes—V. Malucos?—VI. Os Po-
liticos—VII. Saphicas.—Cada volu-
me 500 réis.Ensaio de propaganda e critica, pe-
lo dr. João de Menezes.—I. A nova
phase do socialismo. 1 vol. 200 réis.A gíria portugueza.—Esboço de um
dicionario de calão, por Alberto Bes-
sa, com prefacio do dr. Theophilo
Braga. 4 vol. br. 500, enc. 700 réis.O sol do Jordão.—Versos por Albino
Forjaz de Sampayo.—1 vol. 200 rs.A Mulher de Luto.—Processo ruidoso
e singular. Poema de Gomes Leal,
500 réis.A Morte de Christo.
Os Exploradores da Lua, por H. G.
Wells. 4 vol. 600 réis.Arvore do Natal.—Contos para crean-
ças, por Lazuarte de Mendonça, 200
réis.O que é a religião? por Leon Tolstói,
200 réis.EDITORES—BELEM & C.^a

R. Marechal Saldanha, 26

O AMOR FATAL

Romance historico por

D. JULIAN CASTELLANOS

Caderneta semanal de 16 páginas, 20
réis e de 32 páginas, 40 réis.

Cada tomo mensal em brochura, 200 re.

Empreza da Bibliotheca de Livros Uteis

Rua do Conselheiro Arantes Pedrosa, 25

LISBOA

DICCIONAR

DE

MEDICINA PRATICA

Cada fasciculo 50 réis